

# “Homens que *Jogam* com Peixes”: Mediação Técnica e Relações Multiespécies na Pesca Potiguar

Paulo Gomes de Almeida Filho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo é uma apresentação parcial dos resultados da minha pesquisa de doutoramento que versa sobre a relação tríade homem-técnica-animal nas modalidades de pesca artesanal (em Caiçara do Norte) e industrial (em Natal). Em específico, abordo o *jogo*, uma categoria nativa que expressa na pesca artesanal a luta pela existência entre humanos e não-humanos no ambiente marinho. *Jogar com o peixe* é a operacionalização de duas competências que, etnograficamente, chamo de *perícia-técnica* (o domínio das técnicas de pesca) e *moral-técnica* (o limite que orienta a predação). Essas duas categorias etnográficas estão presentes nas duas modalidades de pesca, e embora se processem de forma distintas, estão articuladas à organização política de ambas, uma vez que a competência técnica confere ao pescador prestígio social em seu agrupamento. Em suma, trata-se de um exercício comparativo, cujo intuito é tornar lúcidas as interseções entre as pescas estudadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogo; Coletivos Pesqueiros; Técnica; Relações Humano-animal.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é a compilação de dados etnográficos obtidos por ocasião da minha pesquisa de doutorado – em andamento – que versa sobre a relação tríade humano-técnica-animal em dois coletivos de pesca do litoral potiguar: o coletivo artesanal de Caiçara do Norte e o coletivo industrial de Natal. Caiçara do Norte é uma cidade localizada no litoral norte potiguar, a 149 km da capital, Natal, e é considerada o maior porto de pesca artesanal do Estado. Natal, por sua vez, sedia as principais empresas de pesca industrial potiguar e o maior porto do Rio Grande do Norte.

Seguindo as premissas de uma antropologia da vida (INGOLD, 2000), meu interesse é sobre como os humanos e os animais marinhos têm as suas vidas cruzadas através da prática pesqueira. Nesse sentido, parto da noção de *jogo*, desdobrando-a analiticamente com o intuito de traçar os aspectos mais gerais da relação entre humanos, artefatos técnicos e animais nas modalidades de pesca citadas.

O *jogo* é uma categoria nativa também observada por outros pesquisadores em seus respectivos contextos de pesquisas, e que dada a polissemia da palavra, aparece nestas produções como *Batalha* (DUARTE, 1999), *Duelo* (SAUTCHUK, 2007) e *Estética* (RAMALHO, 2010-2011). De qualquer forma, resguardadas as particularidades culturais de cada grupo, o significado e a aplicação prática não diferem em essência. O *jogo* diz respeito ao encontro entre homens e animais marinhos sob a mediação de artefatos técnicos no momento da predação. Esta relação é constituída pelo domínio cognitivo e corporal de um conjunto de técnicas ajustadas ao pescado que se pretende capturar – que etnograficamente chamo de *perícia-técnica* – e no não uso de técnicas que eliminem totalmente as possibilidades do pescado escapar – o que classifico como *moral-técnica*. O *jogo* é fundamental no que diz respeito à organização sociopolítica entre os pescadores artesanais, visto que o prestígio, tão importante nesse segmento social, se estrutura hierarquicamente a partir da prática.

Contudo, alguns autores (DIEGUES, 1983; MALDONADO, 1986; DUARTE, 1999; RAMALHO, 2010-2011) chamaram a atenção para os diferenciados modos de relações com o mar e com os animais entre os

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social – PPGAS/UFRN.  
E-mail: pfilhoantropologo@hotmail.com

pescadores da pequena pesca e aqueles que são funcionários de companhias industriais. Na perspectiva destes autores, as diferenças residem no modo de produção destas modalidades: a primeira orientada por um modo de produção artesanal; a segunda operando sob os moldes da produção capitalista. Tal distinção é sustentada na crença dos pescadores artesanais de que os pescadores ligados às companhias industriais de pesca não *jogam* com o peixe, pois, segundo esta lógica, eles perderam a autonomia sobre seu trabalho – da escolha do pescado a capturar e das técnicas a serem utilizadas –, o que promove um distanciamento entre aqueles pescadores e os seres marinhos. Minha experiência etnográfica me permite certa reserva a tal afirmação. A etapa em que minha pesquisa de doutoramento se encontra – justamente a de maior adensamento etnográfico sobre a pesca industrial – me conduz à confirmação da hipótese inicial de que processos técnicos diferentes engendram interações específicas. Saber como perícia-técnica e moral-técnica se processam na modalidade industrial de pesca também é um dos objetivos da minha pesquisa de doutorado; portanto, farei ao longo do artigo algumas considerações a respeito do assunto.

### A pesca artesanal em Caiçara do Norte

Entendo por artesanal toda pesca cuja organização e participação nos processos técnicos sejam orientadas por relações de parentesco, realizadas em embarcações de menor porte, com apetrechos técnicos produzidos de forma artesanal e adaptados ao meio social e físico do qual fazem parte, cujos conhecimentos são transmitidos ao longo de gerações através da oralidade e, principalmente, da prática. No Brasil, essa modalidade de pesca, embora praticada em nível de subsistência pelos primeiros habitantes do território, só se consolidou enquanto atividade econômica a partir da segunda metade do século XIX, quando se deu início a uma série de medidas institucionais que visavam integrar e gerir a população que vivia da pesca (RAMALHO, 2014). Em termos econômicos, continua sendo uma atividade expressiva: segundo o Ministério da Pesca e Agricultura (MPA), só a pesca artesanal é responsável por 62% da produção e comercialização do pescado do país. No Rio Grande do Norte, com seus 410 km de litoral, a pesca artesanal assume uma posição de destaque entre as práticas culturais e econômicas, sendo responsável por 80% da produção pesqueira total (IBAMA-RN, 2008).

A cidade de Caiçara do Norte, lócus etnográfico da pesquisa, está localizada no litoral norte potiguar, a 149 km da capital, Natal. Segundo o censo demográfico do ano de 2008, a localidade possui 6.393 habitantes, sendo 3.199 do gênero masculino e 2.975 do gênero feminino. A cidade possui uma área de 189,50 km<sup>2</sup>, dividida em três regiões: Centro, bairro das Rocas e loteamento Santa Rita. Possui, ainda, uma praia com faixa de areia estreita, recortada por gabiões que visam conter o avanço do mar. A rua principal, paralela à pancada do mar, se chama São Pedro, e nela reside grande parte dos pescadores locais, além de ser onde estão instalados os *armazéns* de pesca, estaleiros e outros espaços de sociabilidade pesqueira.

Embora a maior receita do município venha do fundo de participação municipal, a pesca artesanal é uma atividade de grande relevância. Segundo IBAMA-RN, em 2007 (ano em que se deu a última contagem dessa natureza) a produção total de pescado foi de 1.602,5 toneladas, sendo: 1.351,2 toneladas de peixes; 139,5 toneladas de lagosta; 3,2 toneladas de Camarão; 15,5 de Polvo e 93,1 toneladas de outras espécies. Simplesmente não existe nenhuma família que lá viva que não tenha ou nunca tenha tido qualquer relação com a pesca. Como sinaliza o pórtico da cidade, a localidade é o

maior porto de pesca artesanal do Estado, com cerca de 800 pessoas oficialmente registradas na colônia de pescadores, isto sem contar as pessoas envolvidas com a atividade que não estão registradas no órgão de gerência local da pesca.

A pesca artesanal em Caiçara do Norte é possível, entre outros fatores, graças à sua frota de embarcações adaptadas às especificidades ambientais: boa parte delas são de pequeno porte, medindo entre oito e doze metros de comprimento, cinquenta delas movidas à vela e cento e trinta à motor. Cada barco tem a sua especialidade, há barcos que pescam peixes, outros barcos pescam lagosta e alguns poucos possuem a licença para os dois tipos de pesca. A duração das expedições de pesca varia de acordo com a especialidade da embarcação, em média dura três dias a pesca de peixes e quatro dias a pesca da lagosta. O número de tripulantes e as funções deles são determinados pelo tipo de pesca realizado em determinada embarcação. Na pesca da lagosta são cinco pescadores: um mestre, dois mangueiristas e dois mergulhadores. Na pesca de peixes com rede ou linha são três pescadores: um mestre e dois proeiros – o mais experiente lança a rede ou solta o espinhel, enquanto o outro, geralmente menos experiente, ajuda na execução e organiza os materiais na ordem de uso.

A composição dos grupos de trabalhos é fortemente orientada pelas relações de parentesco, nesse contexto entendido como um conjunto de relações que envolvem a família – unidade constituída pela descendência, fruto da união entre casais heterossexuais – e os vínculos construídos através da convivência e cooperação na prática pesqueira. Ou seja, os laços de consanguinidade são levados em consideração, mas não exclusivamente. Onde não há o compartilhamento da substância biogenética, relações de parentesco podem ser criadas tendo como referência uma identidade pescadora comum. É comum neste coletivo que se referenciem como comunidade, como famílias socialmente localizadas e casamentos entre seus membros. Deste modo, não raramente, se imaginam e se tratam como *primos*, embora um olhar atento às genealogias das famílias revele que os tratamentos nem sempre implicam em vínculos de sangue. Todavia, os grupos de trabalho, as composições das tripulações de cada barco, levam sempre em consideração as distâncias dos vínculos: muitos são considerados parentes, mas nem todos são considerados do mesmo grupo familiar – o que leva a uma implicação importante, pois preferencialmente se pesca com familiares.

Os grupos de trabalho competem pelos recursos do mar numa dinâmica que envolve alianças, blefes, trapagens, segredos e conflitos. Em um cenário marcado pelo comprometimento da reprodução sociocultural da atividade em virtude da competição com outras modalidades de trabalho e a desvalorização da prática pela sociedade envolvente, os processos de *familiarização*<sup>2</sup> têm orientado a composição dos grupos de trabalho.

A atividade pesqueira em Caiçara do Norte também é marcada por forte assimetria entre os gêneros. As mulheres não participam da pesca em alto-mar. Embora em certos períodos do ano atuem no tratamento do pescado, sua participação na economia familiar tende a ser reduzida pelos homens, desconsiderando o seu trabalho e denominando-o por *ajuda*, numa clara sinalização do seu caráter secundário e complementar. A divisão social do trabalho também determina as formas de divisão do pescado capturado. A remuneração se dá através da divisão do “quinhão”, sistema onde 50% do pescado capturado pertence ao dono da embarcação e os outros 50% é dividido igualmente

<sup>2</sup> O processo de *familiarização* na pesca caiçarense é um mecanismo social de aproximação de vínculos de parentesco (quando os *primos* distantes se tornam genros, sogros e enteados) ou da criação de um vínculo onde antes não existia (o compartilhamento de responsabilidades morais com crianças através do *apadrinhamento*).

entre os pescadores. Por vezes ocorre de alguns donos de barcos, do seu quinhão, gratificar com um pouco mais o *mestre* a quem confiam o seu barco.

As técnicas de pesca mais utilizadas em Caiçara são: rede de espera, pesca de linha, pesca de tresmalho e o mergulho com compressor para a pesca da lagosta. As técnicas utilizadas serão determinadas pelo tipo de espécie que se pretende capturar; logo, também serão determinadas pelo comportamento e pelos ciclos destes. O primeiro trimestre do ano é mais propício para a pesca com linha ou espinhel dos peixes de grande porte e que “afundam” (Cioba, Serigado, Cavala, Agulhão de vela e Albacora), abundantes nas *pedras*<sup>3</sup>. Já no restante do ano é predominante a pesca com rede de espera para a captura dos peixes de cardumes (Serra, Agulha, Guarajuba e Voador). Estes são espécies de menor porte e com comportamento mais coletivo, encontrados nas *pedras*, mas principalmente, nas *paredes*<sup>4</sup>. Já a pesca da lagosta é oficialmente liberada do defeso no mês de junho e ocorre até o final do mês de novembro. Embora proibida, a técnica de captura utilizada localmente é a do mergulho com compressor<sup>5</sup>, onde os pescadores-mergulhadores submergem até o fundo do mar e capturam a lagosta.

A escolha técnica também leva em consideração a capacidade de apreensão, ou seja, a eficiência técnica. Os peixes considerados de baixo valor comercial, se não pegos em grande quantidade, não compensam o trabalho despendido. A espécie mais abundante nos mares de Caiçara do Norte é o peixe-voador, considerado pelos pescadores locais como um peixe “fraco”, dado o seu baixo valor no mercado.

A comercialização do pescado em Caiçara do Norte se dá através dos *armazéns*, estabelecimentos que medeiam as tratativas entre os pescadores, *atravessadores* e o mercado. Esses espaços de comercialização de pescados são geralmente propriedades de ex-pescadores que conseguiram através da pesca maximizar as suas economias e ascender socialmente. Os *armazéns* não são proprietários dos barcos, mas, de qualquer forma, asseguram, através de uma economia baseada na reciprocidade, a prioridade na compra da produção de certo número de embarcações. Estes estabelecimentos estocam a produção comprada e revendem posteriormente para *atravessadores* independentes e/ou peixarias de Natal.

Em termos de representação política, os pescadores locais se organizam de duas formas: uma mais tradicional, centrada nas figuras dos *mestres-pescadores*; outra de caráter administrativo, a Colônia de Pescadores Z-1. A primeira se estrutura através da competência técnica no *jogo* e no domínio da *marcação*<sup>6</sup>. Em Caiçara do Norte, o poder dos *mestres* emana do prestígio adquirido entre pares pela eficácia técnica no trabalho. E o prestígio é um aspecto central na organização política pesqueira. Ao argumentar sobre o conteúdo da liderança carismática, Weber também destaca o papel da eficácia em sua estruturação:

O líder carismático ganha e mantém a autoridade exclusivamente provando sua força na vida. Se quer ser profeta, deve realizar milagres; se quer ser senhor da guerra, deve realizar feitos heróicos. Acima de tudo, porém, sua missão divina deve ser “provada”, fazendo que todos os que se entregam fielmente a ele se saiam bem. Se isso não acontecer, ele evidentemente não será o mestre enviado pelos deuses. (WEBER; 1974, pg.287)

<sup>3</sup> Região marinha de formação rochosa, refúgio, espaço de reprodução e/ou alimento para várias espécies.

<sup>4</sup> Corresponde ao limite da plataforma continental.

<sup>5</sup> A técnica legal e não predatória para a pesca da lagosta é a realizada com manzuá/covo (armadilha retangular feita de madeira de mangue). Considerada pelos pescadores como menos eficiente e com custos de manutenção mais elevados.

<sup>6</sup> Trata-se da complexa habilidade de encontrar zonas de pesca usando como referenciais os marcos naturais e sociais da terra, os astros e o comportamento das espécies.

Nesse sentido, não há entre os pescadores sujeito mais eficaz do que o *mestre*, pois ele em alguma fase de sua vida na pesca se mostrou apto a receber de um *mestre* mais velho os segredos da *marcação*, o que faz com que uma tripulação siga as suas orientações durante a pescaria e que o aceite opinar sobre os mais diferentes assuntos. Sobre a *mestrança*, explica João do Amaro:

“O mestre é o responsável pela embarcação, toda responsabilidade cai sobre ele. É ele que sabe marcar e que vai garantir a pescaria. Então quando ele fala não tem desacordo, a tripulação acata” (João do Amaro – *pescador aposentado/mestre de pesca*. Caiçara do Norte, 03/2018).

Em sua fala, João do Amaro explica que a *mestrança* não é resultado de propriedades excepcionais da personalidade do pescador, ou seja, ele elucida que ser *mestre* é resultado da competência na *marcação*, da garantia de sucesso na pescaria.

Por sua vez, a organização política burocrática – seguindo a tipificação weberiana –, criada em 1919 e presidida por Nelinho desde 2001, trata-se de um órgão que, em nível local, gere a atividade e media a relação entre os pescadores e o Estado, especialmente no que diz respeito ao acesso ao seguro no defeso da pesca da lagosta<sup>7</sup> e a aposentadoria. Atualmente são 800 pessoas filiadas à Colônia Z-1, sendo 600 homens e 200 mulheres de pescadores. Mas o número total de pescadores ligados à Colônia não expressa a totalidade de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a pesca em Caiçara do Norte.

#### A industrialização da pesca potiguar

A industrialização da pesca é parte de um processo global engendrado pela revolução industrial e a acumulação de capital de alguns países europeus do atlântico norte durante os séculos XVII e XVIII (DIEGUES, 1984). A pesca industrial se realiza em áreas cujas embarcações costeiras tradicionais não são capazes de acessar. Logo, isso implica em embarcações e tecnologias que possibilitem maior alcance. A sua forma de organização não se estrutura a partir da unidade familiar, mas sim por uma organização empresarial. A consequência disso é a tendência à proletarização do trabalho e à divisão de funções não baseada em hierarquia de conhecimentos, mas por formação técnica. Finalmente, a comercialização é um processo inteiramente alheio aos pescadores e o destino da produção é quase exclusivamente voltado ao mercado externo.

O processo de industrialização da pesca no Brasil teve início tardio, somente em 1956, na região Nordeste através da Indústria Brasileira de Pesca e Frios S/A, arrendando embarcações estrangeiras para a pesca do atum. Com a implementação de políticas públicas voltadas ao segmento, houve um rápido crescimento da pesca continental no país. Todavia, em virtude da sobrepesca e com o fim de alguns incentivos fiscais a partir do final da década de 1980, houve um desaceleramento da produção pesqueira industrial (LIRA, 2016).

A retomada dos investimentos ocorreu no final dos anos 1990, quando o então chefe do departamento de Pesca e Aquicultura criou o decreto que flexibilizava o arrendamento de barcos de pesca. A medida proporcionou durante o período o ingresso de mais de 300 barcos de pesca estrangeiros atuando em plataforma brasileira. Ao final da gestão FHC (1995-2002), o empresário Gabriel Calzavara deixa a secretaria de Pesca e Aquicultura e funda as empresas Atlântico Tuna e

<sup>7</sup> Consiste na interdição, entre os meses de dezembro e maio, da pesca da lagosta. Durante esse período, os pescadores de lagosta recebem um seguro de um salário mínimo. Caso sejam pegos desrespeitando o defeso, o pescador além de multa, terá a embarcação apreendida e perderá a sua licença para a pesca.

Norpeixe, arrendando embarcações japonesas, se beneficiando do decreto que ele mesmo havia criado (MESQUITA, 2017).

Na região Nordeste, as frotas de pesca industrial têm se especializado na pesca do atum, utilizando o espinhel de superfície para a captura. No Rio Grande do Norte o uso deste artefato se desenvolveu mais intensamente a partir de meados dos anos 1990. Hoje, o estado tem na pesca industrial um grande gerador de divisas. No ano de 2012, ano de maior volume de exportações no segmento, a frota atuneira potiguar era composta por 39 embarcações com artefatos de capturas adaptadas à pesca, principalmente, da albacora (LIRA, 2016).

Apesar das reiteradas críticas à infraestrutura portuária de Natal, a localidade é considerada no Rio Grande do Norte como estratégica para esta modalidade de pesca, visto a sua localização geográfica, tida como excepcional para o escoamento da produção aos mercados consumidores. Além disso, o litoral potiguar apresenta uma plataforma continental estreita, o que implica em poucas horas de deslocamento até os espaços de pesca do atum.

As empresas de pesca industrial sediadas na capital potiguar (Atlântico Tuna; Produmar; Norpeixe e Blue Ocean) têm se notabilizado nacionalmente pelo sucesso obtido na captura de atuns na plataforma oceânica brasileira graças à infraestrutura tecnológica que dispõe as embarcações atuneiras por elas arrendadas à empresas de pesca do Japão. O processo técnico de captura se dá através do uso de espinhéis, considerado o procedimento técnico mais eficaz na captura de espécies pelágicas (LIRA, 2016).

A carne do abdômen do atum (*Thunnus albacares*) é altamente valorizada na culinária oriental, o que, segundo especialistas, tem engendrado a sobrepesca da espécie. Além disso, o espinhel tem sido apontado por organizações de conservação internacionais como um dos fatores que ameaçam a espécie de extinção, já que uma vez fisgado o peixe não tem qualquer chance de escapatória. Para contornar este problema foram criadas cotas de pesca para cada país com tecnologia para pesca do atum. O sistema de cotas é fiscalizado pela International Commission for the Conservation of Atlantic Tunas – ICCAT –, com membros que decidem anualmente sobre as cotas de cada país, a interdição e liberação de espaços de pesca, bem como a definição do período em que a pesca do atum está liberada em cada região (MESQUITA, 2017).

Um cruzeiro de pesca nesta modalidade dura entre 12 a 20 dias, a depender da capacidade de armazenamento de carga e combustível da embarcação. Efetua-se entre 14 e 15 lances com o espinhel. Após recolhidos, os peixes são abatidos com uma perfuração na cabeça; em seguida, sangram-lhes e retiram-lhes as vísceras, cortam-lhes as nadadeiras e caudas, lavam suas carnes com uma água especial, pesam, conferem-lhes identificação específica e, finalmente, são ensacados e refrigerados no frigorífico da embarcação a uma temperatura de  $-60^{\circ}\text{C}$ . O atum capturado é separado de acordo com o mercado que irá atender. Os melhores exemplares da espécie são destinados ao mercado externo e passarão por rígido controle de qualidade. São conservados frescos, enquanto os outros atuns são congelados no freezer da embarcação. Finalmente, no desembarque no porto, os espécimes que serão exportados são pesados individualmente, enquanto os demais são pesados juntos.

Em uma embarcação de pesca industrial, a organização produtiva conta com cerca de onze tripulantes: dois comandantes, mestre de máquinas e ajudante, cozinheiro, dois geladores,

contramestre e três pescadores. Cada tripulante da embarcação possui função específica. Segundo Lira (2016), a remuneração nesta modalidade de pesca obedece à hierarquia existente na tripulação. É constituída pela soma do salário fixo mais o adicional por produção, calculado de acordo com o valor comercial do atum no mês do desembarque.

### Os devires animal e os processos técnicos

Em Caiçara do Norte pratica-se cinco tipos de pesca, todas elas com processos técnicos adaptados às singularidades de cada espécie; são elas: pesca do voador, pesca de agulha, pesca de linha, pesca da lagosta e a pesca de tresmalho. Já a pesca industrial tem se especializado na captura do atum e do cação (um tubarão de pequeno porte), realizada na plataforma oceânica. A técnica empregada nesta modalidade de pesca é o espinhel de superfície.

Apesar da especialização técnica, algumas empresas de pesca têm comprado a produção de embarcações de pesca artesanal de todo litoral potiguar. Camarão, lagosta, moluscos, ovas do peixe-voador e as nadadeiras do cação (iguaria muito apreciada na culinária oriental) estão entre as espécies compradas, pelas empresas de pesca, dos donos de botes e *armazéns* de várias comunidades de pesca artesanal do estado. Abaixo segue uma breve descrição desses animais e os métodos de pesca empregados em suas capturas:

**Pesca do Voador:** O peixe-voador (*Hirundichthys affinis*) é uma espécie da família *Exocoetidae*, de coloração que varia entre o cinza e o prata cintilante. Pode atingir até 45 cm de comprimento. Possui um corpo alongado e nadadeiras bem desenvolvidas que lembram asas, o que justifica o seu nome (CARVALHO *et al.*, 2014). Estas, quando expandidas, lhe permite planar sobre a superfície da água ou, conforme as palavras do pescador Hernandez: “saltar pra cima e voar por cima da água”. Seus cardumes são encontrados no limite entre a plataforma oceânica e a plataforma continental, onde os pescadores caiçarenses chamam de *parede*<sup>8</sup>. Embora sejam pescados em toda época do ano, seus cardumes abundam após a estação chuvosa, entre os meses de março e junho, o que coincide com a desova do peixe. O peixe também propicia a pesca de maior ocorrência em Caiçara. Apesar disso, por seu baixo valor comercial, é cada vez menos disputado pelos grupos de trabalho na pesca. Sua pesca é realizada por barcos motorizados com uma tripulação de no máximo quatro homens. A embarcação se dirige até o limite da plataforma continental e, então, é deixada à deriva. Uma substância chamada “engodo” – óleo extraído da mamona – é lançada na água. Atraídos pelo brilho da noda do óleo na superfície da água, o voador emerge e nesse momento é capturado pelos pescadores com o auxílio do *jereré*<sup>9</sup>.

**Pesca de Agulha:** O peixe Agulha (*Hemiramphus brasiliensis*) é uma espécie cuja coloração varia entre o azul escuro e o prata. A parte superior da sua cauda, do seu dorso e a ponta da mandíbula apresentam coloração alaranjada quando vivo. Seu corpo é alongado e fino, medindo pouco mais de 20 cm e pesando entre 40-45g. Sua mandíbula possui o formato de um bico fino e lembra o objeto que justifica o seu nome popular, a agulha (CARVALHO *et al.*, 2014). Por se tratar de um peixe de pequenas dimensões, pesca-se o agulha com uma rede de malha pequena. Segundo Hernandez, na pesca de agulha a tripulação é composta pelo mestre, o serrador e o proeiro. Numa embarcação a motor/pano, nas regiões das *urcas/pedras*, o proeiro marcará o

<sup>8</sup> Esta região do mar possui cerca de 30 braças de profundidade. É o último pesqueiro desta modalidade de pesca.

<sup>9</sup> Armadilha triangular com hastes de madeira e coberta externamente por rede de nylon.

lance<sup>10</sup>, o serrador sai em uma catraia jogando a rede e fazendo o arco de modo a cercar o cardume. Feito isso, o proeiro e o mestre recolhem a rede para a embarcação, já com o peixe emalhado.

**Pesca com rede de espera:** O peixe Serra (*Scomberomorus brasiliensis*) é uma espécie da família *Scombridae*. Possui uma coloração que varia entre o azul esverdeado e o cinza escuro, com manchas arredondadas amarelas nos flancos. Possui ainda nadadeira dorsal dupla, uma delas com segmentos serrilhados que provavelmente deve ter servido de inspiração para a nomenclatura popular. Ele mede cerca de 30 cm e pesa em média 350g. (CARVALHO *et al.*, 2014). O espécime é encontrado na plataforma continental, nas regiões das *urcas/pedras*. O processo técnico para a pesca do Serra é semelhante ao da Agulha, a única mudança é no tamanho da malha da rede, ela precisa ser maior e com nylon mais resistente, pois segundo os pescadores caiçarenses, trata-se de uma espécie braba/arredia e com a capacidade de rasgar as redes.

**Pesca de linha:** O peixe Dourado (*Coryphaena hippurus*) é um peixe da família *Coryphaenidae*. A cor do seu dorso varia entre o azul e o verde azulado. Seus flancos são dourados, o que justifica o seu nome popular. Seu corpo é alongado. Possui uma nadadeira dorsal que se estende da cabeça até a cauda. Considerado um peixe de grandes proporções, mede mais de 80 cm e pesa mais de 5 kg (CARVALHO *et al.*, 2014). É também encontrado na plataforma continental, na região das *urcas/pedras*, e pescado com linha e anzol.

**Pesca de tresmalho:** Entre as modalidades de pesca praticadas em Caiçara do Norte, a pesca de tresmalho é a menos valorizada pelos pescadores locais. Primeiro, por não possibilitar a captura de peixes comercializáveis. Trata-se de uma pesca de subsistência. Segundo, por sua execução técnica não envolver grandes dificuldades do ponto de vista nativo. Geralmente, os que participam da pesca de tresmalho são pescadores aposentados, crianças em iniciação na atividade e pescadores pouco habilidosos nas outras modalidades. O processo técnico se dá da seguinte forma: da praia um pescador identifica a chegada de cardumes de pequenos peixes à costa – ele vê a movimentação na água e é conhecedor dos horários e das condições climáticas em que isso ocorre – e através de sinais ele informa ao pescador na canoa onde ele deverá soltar a rede e fazer o cerco. A rede é lançada no mar em formato de ferradura, com as duas extremidades voltadas para a praia. Nela, homens, mulheres e crianças puxam a rede. No mar, dentro do cerco, um ou dois homens batem na água para espantar os peixes em direção às redes. Confusos, os peixes tentam tomar a direção oposta ao da praia e nesse momento são emalhados pela rede.

**Pesca da lagosta:** A lagosta verde é um crustáceo que pode atingir até 50 cm de comprimento. São de suma importância para a cadeia trófica, já que servem de alimento para diversos animais marinhos, além dos humanos. Durante o dia, o animal permanece escondido no interior das rochas, saindo à noite em busca de alimento. Sabendo disso, muitos pescadores criam ambientes artificiais com tambores de ferro ou carcaças de veículos para atraírem a lagosta. Segundo, Bal, pescador (de lagosta) aposentado, elas são encontradas em regiões do mar com mais de 70 metros de profundidade, onde há vegetação e rochas, e os moluscos, que lhes servem de alimento.

<sup>10</sup> Momento em que a rede é lançada no mar.

Alimento valorizado pela alta gastronomia de vários países, a lagosta brasileira tornou-se efetivamente uma mercadoria a partir do final dos anos 1960, intensificando a sua exportação nos anos 1980, o que pôs a espécie em risco de extinção. Visando assegurar sua sobrevivência, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – IBAMA – proibiu a pesca durante o ciclo reprodutivo da espécie, entre os meses de dezembro e maio. Contou-me Bal que ele foi um dos primeiros caiçarenses a pescar lagosta. Aprendeu a técnica nos anos 1970 com três pescadores do Rio do Fogo que iam para Caiçara em busca da lagosta. Segundo ele, naquela época pescava-se apenas na apneia, e que, nos anos seguintes, visando maior eficiência na captura, foi introduzido o uso do compressor. Esta técnica é proibida pelo órgão de regulação em virtude dos riscos de morte envolvida<sup>11</sup>. O IBAMA exige que se pesque a lagosta utilizando covos, armadilhas com menos capacidade de apreensão da espécie em comparação à coleta direta propiciada pelo mergulho com o compressor. Assim, o uso de covos evitaria a sobrepesca e implicaria em menos riscos aos pescadores/lagosteiros. Todavia, como me confessa Nelinho (presidente da colônia de pesca Z-1), nem o defeso e nem a técnica permitida pelo IBAMA são respeitadas pelos pescadores locais.

A pesca com o compressor se dá da seguinte forma: Chegado ao local de pesca definido pelo mestre, mantêm-se o motor do bote em funcionamento, pois nele está acoplado o compressor que gera o ar. Deste, sai um mangote que leva o ar produzido para o interior de um botijão de gás de cozinha. O ar armazenado no botijão é controlado por válvulas manuseadas por dois *mangueristas*. O ar desce através de duas mangueiras longas até a boca de dois *mergulhadores* que submergem até 40 metros de profundidade em busca das lagostas. Finalmente, quando capturadas, são armazenadas em sacos que eles carregam.

**Pesca do Atum (pesca industrial):** O atum (*Thunnus albacares*) é uma espécie de sangue quente (o que o permite viver em ambientes de altas profundidades e de baixas temperaturas) que pode viver até 30 anos, medir até 3 metros de comprimento e pesar até uma tonelada. Apesar do seu tamanho, atinge até 70 km/h. Seus cardumes são migratórios e se deslocam através das correntes marinhas (MESQUITA, 2017). O processo técnico de captura se dá através do uso de espinhéis. Este artefato possui uma linha principal com cerca de 150 km de comprimento, suspensa por boias (monitoradas por rádio frequência), com ramificações a cada 900 metros, nas quais se prendem em torno de 800 anzóis, utilizando lulas (*Illex argentinus*) como iscas. Para maximizar a eficiência na captura, cerca de 60% dos lances se dão durante as luas crescentes e cheias (LIRA, 2016).

Um *cruzeiro de pesca* nesta modalidade dura de 12 a 20 dias, a depender da capacidade de armazenamento de carga e combustível da embarcação. Efetua-se entre 14 e 15 lances com o espinhel em uma expedição de pesca. Uma expedição se divide entre as atividades de preparação no porto pré-embarque, o deslocamento do porto até as regiões de pesca, a execução técnica e o desembarque. O espinhel é lançado no fim da tarde, entre às 17 e às 18 horas, concluindo o procedimento entre às 21 e às 22 horas. Na manhã do dia seguinte, por volta das 9 horas, inicia-se o procedimento para o recolhimento do espinhel. O ajudante do mestre de máquinas recolhe o material através de uma grande polia. Os pescadores do convés, cerca de cinco homens, se revezam entre retirar os atuns capturados pelos anzóis e o abatimento

<sup>11</sup> O mal da descompressão resulta de gases dissolvidos que saem da solução e se tornam bolhas dentro do corpo em uma despressurização. Os gases dissolvidos no sangue formam bolhas que obstruem as vias sanguíneas, seus efeitos podem variar de dores e erupções cutâneas nas articulações até paralisia e morte.

daqueles que ainda estão vivos. Abatem o peixe com uma perfuração na cabeça. Em seguida, sangram-lhes e retiram-lhes as vísceras, cortam-lhes as nadadeiras e caudas, lavam suas carnes com uma água especial, pesam, conferem-lhes identificação específica, e, finalmente, são ensacados e condicionados no frigorífico da embarcação a uma temperatura de -60°C. O atum capturado é separado de acordo com o mercado que irá atender. Os melhores exemplares da espécie são aqueles que possuem maior quantidade de gordura abdominal, considerado ideal para a produção de sushi e sashimi. Estes serão destinados ao mercado externo e passarão por rígido controle de qualidade que avaliará coloração, textura e percentual de gordura na carne. Conservam-os frescos e ensacados para evitar avarias na carne. Os outros atuns capturados não apropriados para o mercado externo são congelados no freezer da embarcação. Finalmente, no desembarque no porto, os espécimes que serão exportados são pesados individualmente, enquanto os demais são pesados juntos. Segundo Lira (2016), para identificar o dia da captura de cada atum, uma fita é amarrada em sua cauda. As fitas têm cores diferentes, e cada cor representa um dia de captura. Também, faz-se um corte na ponta da cauda dos espécimes que foram capturados vivos.

Em uma embarcação de pesca industrial, a organização produtiva conta com cerca de 11 tripulantes (dois comandantes, mestre de máquinas e ajudante, cozinheiro, dois geladores, contramestre e três pescadores) com funções bastante específicas. O 1º comandante, acessando equipamentos de navegação e de informações que lhe fornecem dados ambientais, define os locais e as estratégias de pesca a serem adotadas. O 2º comandante é responsável por providenciar os documentos necessários para a liberação dos barcos na Capitania dos Portos, e pela vistoria prévia dos itens de segurança e navegação. O mestre de máquinas e seu ajudante não são, na maioria das vezes, pescadores; são geralmente técnicos que monitoram e reparam os motores e as máquinas da embarcação. O cozinheiro se divide entre o preparo da alimentação da tripulação e o trabalho no convés. Os dois geladores são responsáveis pela conservação no freezer dos atuns destinados ao mercado interno. Os pescadores de convés executam as operações de montagem, lançamento e recolhimento do espinhel sob as orientações de um contramestre.

### Perícia-técnica

Independentemente da modalidade de pesca, a importância da atividade está para além de seu caráter econômico e de seu potencial de geração de renda. Trata-se, antes de tudo, de processos técnicos, e, por sê-los, são transversais às dimensões biológica, psicológica e social, como defende Mauss (2003) a respeito da técnica. A atividade é, ainda, resultante de um compêndio de conhecimentos práticos sobre o ambiente e que tem no corpo a sua ferramenta mais elementar:

O trabalho pesqueiro inscreve-se e se constrói no uso do corpo, na educação do saber sensível humano, expressando-se, ao longo dos anos, no apuro e refinamento de alguns sentidos para que os pescadores exerçam sua atividade com qualidade nas águas dos rios, estuários e/ou mar. (RAMALHO, 2011, Pg. 315).

Como bem observou Sautchuk (2007) em sua etnografia sobre os pescadores laguistas e costeiros da vila de Sacuriju-AP, as modalidades de pesca estão ajustadas às condições ecológicas que, por sua vez, para além da eficiência produtiva, são capazes de engendrar configurações particulares de pessoa, ou seja, o pescador constrói sua identidade a partir de sua relação com a pesca. Semelhante entendimento possui Ramalho (2011); para o autor, a prática pesqueira informa um

modo particular de relação com o ambiente. Esta relação se dá através de uma complexa educação do corpo-pescador:

O saber-fazer pescador artesanal liga-se à edificação de conhecimentos náuticos e pesqueiros, bem como à educação dos sentidos humanos. Fazer-se pescador é, gradativamente, adquirir consciência cada vez mais sofisticada do próprio corpo, de suas possibilidades de aprimoramento, de autocriação. (...) Dessa maneira, para existir como pescador, o homem tem que se afirmar na fruição dos seus sentidos concretamente, em seu dia-a-dia, nos diálogos que realiza com o mar, através de sua atividade produtiva. (RAMALHO, 2011, Pg. 316-317).

Ingold (2015; pg. 99-100) discute de maneira bastante pertinente, através de sua noção de *habilidade*, sobre o papel da percepção nos processos de interação com o meio. Para ele, as atividades práticas, longe de serem automatizadas – no sentido irreflexivo do termo –, se constituem em processos que exigem constante atenção, controle e ajustamento em cumprimento das fases de um processo técnico: preparação, início, continuação e encerramento. Seguindo a perspectiva de Ingold, entendo que não só o meio físico exige respostas coerentes dos pescadores, mas também os próprios processos técnicos e a organização social em torno deles. Para Ingold, existe uma complexa e simétrica relação no *modus operandi* entre organismos humanos, os materiais (artefatos técnicos) e os não-humanos. Mesmo entendimento se aplica à pesca, pois enquanto saber prático, ela, desde a iniciação, concede ao corpo o papel de destaque. Os processos técnicos são capazes de moldar o organismo humano às condições de trabalho. Por isso, costume e resistência orgânica são elementos primordiais do fazer-se marítimo:

A consciência não está deslocada, como se vê, da natureza orgânica do ser social, necessitando dela para sempre se efetivar em si mesmo e, com isso, no meio ambiente. (...) A não adaptação orgânica obriga o deslocamento para outro trabalho, realizando quase que uma seleção natural entre os próprios pescadores. (...) Sem a adaptação física ao meio ambiente marinho, as barreiras orgânicas não poderão ser suplantadas. Assim, o sentir dos sentidos não pode ser obscurecido na realização do trabalho pesqueiro. (RAMALHO, 2011, Pg. 324).

Pude observar a aplicação prática da citação acima através dos relatos dos pescadores artesanais caiçarense João do Amaro (*mestre-pescador*) e Hernandez (*pescador de voador*):

“Aprendi a pescar com 10-12 anos de idade, vendo o meu pai e os meus irmãos pescarem. Depois foi com o meu *mestre*, foi com ele que aprendi a *marcar*. O trabalho da pesca é pesado, tem que ter fibra pra aguentar. Se não tiver a mão dura, quando pega um peixe forte, esperto, a linha corta as mãos e é arriscado até cair do bote” (João do Amaro – *mestre-pescador*. Caiçara do Norte, 01/2018).

“A gente aprende olhando. O pescador mais velho é um pouco ignorante. As vezes a gente ia perguntar, aí o cara dizia: você está cego, não está vendo não? Aí eu tinha o cuidado de está atento as coisas, observando pra com 5 ou 6 meses de pesca já fazer as coisas sozinho” (Hernandez – *pescador de Voador*. Caiçara do Norte, 01/2018).

Na fala de João do Amaro fica clara a importância do corpo para os processos técnicos da pesca. Ele fala sobre a iniciação na atividade ao mesmo tempo em que elucida sobre as transformações pelas quais atravessa o corpo-pescador através dos processos técnicos. Hernandez enfatiza o papel da observação e da prática. Diferente do saber acadêmico em que o conhecimento é repassado através de conceitos e abstrações, na pesca o conhecimento é reproduzido através do engajamento em processos laborais. As palavras desses interlocutores encontram ressonância nas de Luiz, ex-pescador artesanal, atualmente pescador industrial:

“Meu pai e meu tio levaram todos os filhos para pescar, mas nem todos deram para pesca. Tem gente que enjoa demais e não tem cura. Tanto na pesca artesanal como na embarcada o cara tem que ter preparo do corpo. Tu imagina, se o cara não tiver preparo como é ele vai aguentar 15-20 dias embarcado?” (Luiz – *pescador de convés da frota da Blue Ocean*. Caiçara do Norte, 05/2018).

Ramalho (2011) explica que a labuta diária com o mar exige dos homens uma educação dos sentidos e a consciência na execução técnica. Não é suficiente apenas o conhecimento sobre as propriedades do meio – a compreensão dos tipos de ventos, o ritmo das marés, a complexa operação

mental de descobrir pesqueiros, os hábitos das espécies e as possibilidades de técnicas de pesca –, faz-se necessária também a habilidade corpórea na execução:

O ato de pensar não tem nenhuma valia se não for traduzida no manejo do corpo capaz de lançar, com as mãos, uma rede no momento preciso sobre o cardume, no puxar o covo, na ação de equilibrar-se a bordo na hora em que se retira ou se coloca a rede no mar, etc. (RAMALHO, 2011, Pg. 322).

A esta capacidade de operacionalizar domínios cognitivos e destreza corporal na execução da atividade, chamo de *perícia-técnica*. A organização social em um barco de pesca artesanal está diretamente atrelada a ela. A pesca informa diferentes habilidades no trato com o mar; estas habilidades, por sua vez, definirão o papel ocupado pelo pescador dentro da organização produtiva. Uma das habilidades mais valorizadas no universo da pesca é a de *marcar* o mar, presentes nas duas modalidades aqui apresentadas, embora se processem de formas diferentes.

Na pesca artesanal a *marcação* diz respeito às complexas e refinadas operações mentais, cuja tradução apresenta-se no ato talentoso de encontrar pesqueiros, de marcá-los e saber guiar-se no mar. Trata-se de uma orientação espacial que leva em consideração um conjunto de elementos, tais como: sons da maré, a orientação dos ventos, o comportamento das espécies marinhas, a profundidade do mar, a distância da terra a partir de marcos naturais e sociais da paisagem, e, no caso da pesca noturna, a localização dos astros. Já na pesca industrial, considerável parte desta habilidade de orientação espacial será mediada por tecnologias de informação. Nesta modalidade de pesca a competência é verificada através da capacidade de ler o ambiente através de softwares e instrumentos de navegação eletrônicos. Dessa forma, o comandante responsável pela embarcação não necessariamente será um pescador, ele é alguém com reconhecido conhecimento de navegação auxiliado por instrumentos de orientação.

Habilidade e percepção são inerentes às duas modalidades de pesca porque são construídas através da prática, e isso implica em habilidades e percepções diferentes umas das outras, mas perfeitamente ajustadas às condições em que se realizam. Sobre a habilidade, explica Ingold (2015; Pg.90): “É na sintonia mesma do movimento em resposta às sempre mutáveis condições de uma tarefa em desdobramento que a habilidade de qualquer técnica corporal, em última instância, reside”. Dessa forma, a habilidade do *proeiro* no momento do lançamento da rede, ou do *pescador embarcado* responsável pelo manuseio da máquina que despeja e recolhe o espinhel no mar, não é uma ação meramente mecânica e automática, como muitos costumam pensar: ao contrário, é um processo – no sentido de estória, tal como elaborado por Ingold – que se inscreve através da sucessão de atos relacionais entre artefatos técnicos e o ambiente físico. Sobre o aspecto relacional homem-artefato técnico, informa Ramalho:

Além disso, há outro corpo decisivo, e que não é o da natureza orgânica e inorgânica, para consolidar a arte da pesca: as ferramentas de pescar. Tais ferramentas (armadilhas e o barco) são extensões corporais dos pescadores e de sua destreza sensível, cujas funções voltam-se para atingir os objetivos do trabalho (os pescados) e seguir os roteiros marítimos. A posse do talento cristaliza-se no saber como e de que modo utilizar as redes e o barco, e também sentir, através desses instrumentos, a natureza marinha (2011, Pg. 345).

Pelo exposto até aqui, é possível afirmar que a educação dos sentidos, sobre a qual nos fala Ramalho (2011), bem como a mediação e o ajustamento dos processos técnicos ao ambiente, estão presentes tanto na pesca industrial como na pesca artesanal. Muito embora, não *como*, ou seja, não da mesma forma. Como sugere Sautchuk em seu trabalho (2007), processos laborais específicos

engendram percepções e habilidades específicas, e, por consequência, configurações de pessoas específicas.

### As morais das pescas

O *jogo* – por vezes expresso como batalha, duelo ou luta – se trata de uma metáfora elaborada pelos pescadores artesanais do litoral potiguar – logo, também presente entre os pescadores de Caiçara do Norte. Como mostrarei mais adiante, esta relação é a todo tempo mediada por processos técnicos.

Mostrei, no tópico anterior, um pouco sobre os processos técnicos e a importância do corpo na prática pesqueira. O que chamo de *perícia-técnica* diz respeito à isso, à educação do corpo, ao domínio cognitivo das possibilidades técnicas e também da ação precisa. Por sua vez, o que chamo de *moral-técnica* diz respeito aos limites impostos na pesca artesanal para a captura do ser marinho. Está imbricada nesta noção a necessidade de paridade na relação entre homens e peixes. Para os pescadores artesanais do coletivo estudado, embora os homens possuam capacidades cognitivas e apetrechos técnicos, os peixes possuem capacidades semelhantes às humanas, por exemplo, percepção visual e olfativa, consciência e capacidade de ação, além de uma maior adaptabilidade ao ambiente marinho. A *moral-técnica* consiste, então, no uso de técnicas que não impossibilitem o *jogo*, ou seja, a disputa justa entre homens e seres marinhos.

O arcabouço de conhecimentos resultante deste *jogo* é fascinante. Os pescadores de Caiçara do Norte revelam ser capazes de reconhecer, através do tato, a espécie fisgada antes mesmo de trazê-la ao barco. Como explica João do Amaro:

“Se descobre o peixe pela linha. Tem peixe que quando fisgado ele afunda, outros ficam zigzagueando, outro se entocam nas pedras pra torar a linha” (João do Amaro – mestre-pescador. Caiçara do Norte, 02/2018).

A fala de João do Amaro encontra ressonância na pesquisa realizada por Ramalho (2011) junto à comunidade pesqueira de Suape-PE:

Para encontrar pescados, a audição e, mais uma vez, a visão e o tato são também centrais, na medida em que se tornam categorias sociais acerca dos melhores momentos e locais para se pescar, ao apontar onde tem, onde não tem ou pode existir pescados (os pontos de pesca). Pela forma que os peixes batem no mar, pela mudança de coloração das águas ou pela força colocada na mão que segura a linha de pesca, os peixes são encontrados e distinguidos (aracioba, cavalas, guarajuba, serra, tainha, sardinhas, agulhas, bagres) para que, a partir daí, se saiba utilizar os meios mais adequados para capturá-los (redes mais apropriadas de acordo com a malha, profundidade, tipos e tamanhos da linha, isca especial e outros), tendo em vista alcançar o fim pensado, para que a teleologia aconteça. (RAMALHO, 2011, Pg. 343).

Há ainda a humanização dos seres marinhos. Além da capacidade de ação, os pescadores atribuem a eles personalidade/temperamento, como por exemplo “esperto”, “brabo”, “bobo”:

“O peixe Pargo é um peixe grande e bonito, mas é bobo. Quando ele vê a gente no fundo do mar, ele dar o lado, parece que pede para ser furado. Mas tem peixe que fica o tempo todo de frente, aí não tem como a gente matar”. (“Bal” – pescador aposentado. Caiçara do Norte, 04/2018).

“Dé”, pescador de Caiçara do Norte, também me explicou sobre o uso de redes feitas de nylon ao invés das antigas redes tecidas com algodão e da sua maior eficácia técnica:

“A rede de nylon fica transparente na água, a de algodão escurece com o tempo e aí não pega mais peixe. O peixe é como a gente, se ele ver a rede ele vai sair dela. Se você vê a fogueira no meio do caminho, não vai passar nela, vai passar em volta. O peixe é igual” (“Dé” – pescador de agulha. Caiçara, 05/2016).

Dessa forma, na perspectiva dos pescadores estudados, o que garante o *jogo* é a noção de paridade entre homens e peixes no confronto. Paridade que os pescadores artesanais alegam não existir na pesca industrial, pois o *jogo* só é possível quando a possibilidade de vitória do peixe não é eliminada. Abaixo, segue o relato de uma pescaria de linha:

“Eu já passei 2h40 lutando com um peixe até conseguir pegar. Era uma Albacora de 100 kg. Eu já peguei várias, mas essa de 2h foi a que deu mais trabalho. Nesse dia eu estava com um filho meu. A gente tirou a barriga do Voador, cortou direitinho, a carne fica bem branquinha, porque quanto mais branquinha melhor. A gente chama essa pescaria de “coço”. Então eu coloquei um pedaço que quando o vento dava ela se abria fora do barco e outro pedaço deixei na minha perna. Quando ferrei esse peixe o sol ainda estava alto e nós começamos a lutar, lutar, lutar... Quando conseguimos pegar, o relógio dele já marcava 2h40. Lutando só na mão braba. Ele ia, ia... depois voltava naquela agonia e eu já estava cansando. Nisso eu já sabia que era uma albacora porque quando ela pega a linha, ela nunca corre de lado, ela procura logo o fundo. Aí pela experiência a gente já sabe qual é o peixe. Muitas vezes a gente nem está vendo o peixe, mas pela pegada a gente sabe se é um agulhão, se é um dourado, se é uma albacora. (...). Depois que a gente domina ela, ela vai sempre rodando, ela vem de banda e fica rodando. Quando ela pega, nas primeiras carreiras, a gente vai soltando a linha e molhando. O bote fica parado, mas pela velocidade, a gente tem linha pra soltar pra ele, solta até o peixe cansar, porque a gente só pega quando ele cansa. Aí fica naquele jogo: vai pra lá e vem pra cá. Por isso passa muito tempo, porque quando o peixe é muito grande e pesado aí passa esse período todinho nesse jogo de puxa de lá e puxa de cá. O povo gosta de dizer que pescador gosta de inventar, mas realmente não conhece o movimento todo, imagina, um peixe de 50, 70, 100 kg fazendo toda essa força, a gente ferrar e trazer na mesma hora? Não de jeito nenhum, primeiro a gente tem que cansar ele, se não cansar a gente não pega. Já vi a Albacora torar a linha. A gente tem que ficar o tempo todo forçando, porque quando ela desce precisa soltar a linha, mas quando ela para é preciso segurar também de modo que a linha suporte o peso. A gente sente que ela está ficando cansada quando a ‘carreira’ dela vai ficando mais curta, por exemplo, ela geralmente consegue cinco braças, mas depois só consegue três. A gente vai jogando e o mestre vai dizendo ‘não aperte, vá devagar’, quando solta ou tora a linha aí é uma briga, ele logo diz: ‘foi porque tu que apertou demais’. Mas muitas vezes ela se solta, quando o anzol não está bem pegado ou quando ela roça a linha na pedra pra cortar. Mas se o anzol passa na volta no osso do queixo do peixe aí é só ter paciência e saber fazer direitinho” (Hernandes – *pescador de Voador*. Caiçara do Norte, 02/2018).

Gostaria de destacar nesse relato dois pontos que são centrais para entender o que, nesta modalidade de pesca, se entende por *jogo*. Primeiro, a habilidade do pescador em descobrir o peixe que fisgou, acessando conhecimentos sobre os hábitos e comportamentos das espécies, e, a partir disso, ajustar o seu gesto técnico. A essa habilidade denomino *perícia-técnica*. O segundo ponto a destacar é que o animal só pode ser capturado se antes for cansado, condição só alcançada quando a técnica é bem empregada. Ou seja, se não for cansado o peixe, se não tiver paciência o pescador e se vacilar em sua execução, o peixe conseguirá escapar e terá, por essa lógica, vencido o pescador.

No entanto, é preciso considerar que espécies diferentes possuem características físicas e comportamentos diferentes, e, logo, impõem formas diferentes de se jogar. O peixe-voador, por exemplo, é visto como um peixe dócil e que oferece pouca resistência à sua captura. No entanto, o emprego de técnicas que não a mencionada aqui para a sua captura, implicará no insucesso em sua pescaria.

Também é digno de nota que, quanto mais riscos ou dificuldades a técnica/espécie impõe, mais honorífica ela será. Explico: a pesca de linha e a pesca da lagosta são as mais valorizadas; a primeira pela dificuldade em virtude da maior resistência oferecida pelos peixes de grande porte, e a segunda pelos riscos de morte envolvendo a sua execução. Inversamente, a pesca do voador e a pesca com tresmalho são as menos valorizadas: a primeira pela “docilidade” da espécie que proporciona pouca resistência a sua captura; na segunda, a técnica empregada é considerada de baixa complexidade pelos pescadores. Em suma, é através do *jogo*, ou seja, da capacidade de operacionalizar concomitantemente *perícia-técnica* e *moral-técnica*, que os pescadores artesanais adquirem prestígio em seu coletivo pesqueiro, fundamental para a manutenção dos laços que regem a relação com o ambiente marinho.

Sobre a pesca industrial, autores como Diegues (1983) e Duarte (1999) destacam uma racionalidade econômica e a organização social do trabalho baseada em princípios burocráticos. Ao invés de produtores, os pescadores vinculados a esta modalidade de pesca são assalariados responsáveis não pela captura do pescado, mas pela gerência de maquinários que o fazem. Nessa modalidade de pesca, a distância entre os pescadores e os seres marinhos parece ser maior. Isto ocorre, na maioria das vezes, em razão da especialização técnica das empresas de pesca em uma determinada espécie de peixe – que, no caso potiguar, é a pesca do atum.

Segundo os interlocutores ligados às duas modalidades de pesca aqui abordadas, a especialização retira dos pescadores a autonomia sobre os processos produtivos. Assim, na modalidade industrial, a eficácia técnica se constrói não através de um duelo direto e justo, mas sobre a quantidade de atuns capturados. O contato entre os pescadores e os espécimes capturados se dará após o recolhimento do espinhel com o animal abatido ou semi-abatido. Como certa vez me disse Luiz: “caiu no espinhel não tem mais jeito”, ressaltando que a eficiência e a moral no emprego desta técnica consistem justamente na sua capacidade de não deixar escapar o peixe. Os dispositivos tecnológicos – sondas, sonares, metodologias de georreferenciamento, apetrechos de captura de longo alcance, armazenamento e conservação – e os ciclos de produção e permanência estendida da tripulação no mar são exemplos dessa outra moral. Ao contrastar as duas modalidades de pesca, Ramalho explica:

O controle da técnica é fundamental para os desafios que estão sempre presentes em alto-mar e cuja legitimidade apresenta-se na batalha a ser travada com os peixes em condições justas, tendo em vista que, por existir chances do pescado escapar diante das armadilhas, o talento do marítimo em vencer o peixe vivifica-se ainda mais. Na pesca artesanal – diferentemente da industrial que diminui as margens do peixe escapar e não resalta a riqueza do trabalho vivo –, há o jogo, o improviso do saber-fazer, o manejo complexo dos sentidos humanos e, acima de tudo, a luta entre o homem e o peixe pela sobrevivência, que enobrece a arte de ser pescador graças ao estado equitativo e ético em que se opera e ocorre tal desafio marinho, recheando-o de beleza, maestria e orgulho, e, assim, de humanidades o mar (2010, Pg. 105).

Contudo, a existência de uma maior distância na pesca industrial entre pescadores e seres marinhos não implica na inexistência de uma relação. Se na pesca artesanal a predação, em todas as suas etapas, se dá em um processo dinâmico e contínuo, na modalidade industrial a comunicação homem-animal é dividida em dois atos: primeiro como uma projeção produzida por sonares; segundo, no recolhimento do espinhel com o animal já abatido. Isso me permite a formulação de que, na pesca artesanal, homens pescam peixes, enquanto que, na pesca industrial, o espinhel pesca o atum – ou seja, o centro da ação está entre artefato-peixe e não entre humano-peixe, como ocorre na pesca artesanal.

## CONCLUSÃO

Este texto teve por intenção apresentar algumas considerações preliminares sobre o objeto de estudo de minha tese de doutorado, a saber, a dimensão técnica da relação humano-animal na pesca artesanal e industrial potiguar, a partir da noção de *jogo*, uma categoria êmica que expressa o encontro entre homens e animais marinhos sob a mediação de artefatos técnicos de pesca. Desta categoria, outras duas, etnograficamente, foram elaboradas: *perícia-técnica* – o domínio cognitivo e corporal do conjunto de técnicas de pesca a serem usadas a depender do pescado que se pretende capturar – e *moral-técnica* – regra que consiste no uso de técnicas que não eliminem totalmente as possibilidades do pescado escapar. Como demonstrei, sobretudo na modalidade artesanal, a competência no *jogo* reverbera na organização sociopolítica pesqueira, visto que o prestígio adquirido pelo pescador em seu agrupamento é fruto da sua capacidade em operacionalizar

concomitantemente conhecimento técnico e respeito à regra de predação, o que, por consequência, informará a sua posição dentro da hierarquia da pesca.

Mais um fato importante reforçado através da pesquisa de campo junto aos coletivos pesqueiros artesanais e industriais diz respeito à distinção relacional entre homens e animais marinhos em decorrência dos processos técnicos utilizados. Nos discursos dos diversos pescadores artesanais com os quais mantenho contato é muito comum a afirmação de que os *embarcados* não *jogam com peixe*, pois, seguindo esta lógica, eles perderam a autonomia sobre seu trabalho, o que promoveu um distanciamento entre os pescadores industriais e os seres marinhos.

Todavia, apesar de na pesca industrial imperar a racionalidade econômica e a organização social do trabalho baseada em princípios burocráticos, e sendo os pescadores desta modalidade produtores responsáveis não pela captura do pescado, mas pela gerência de maquinários que o fazem – os dispositivos tecnológicos de que dispõem são exemplos disso –, na pesca industrial a distância entre os pescadores e os seres marinhos não parece ser tão grande como se acreditava. A comunicação entre homens e atuns está presente antes e após a captura do animal, embora de forma diferente da que ocorre na pesca artesanal. Enquanto nesta última a predação, em todas as suas etapas, se dá em um processo contínuo, na modalidade industrial a comunicação homem-animal ocorre primeiro como uma projeção produzida por sonares e, por último, depois do recolhimento do espinhel com o animal já abatido. A lógica da eficácia técnica está presente nas duas modalidades. No entanto, a moralidade na pesca industrial me parece funcionar sob ordem quantitativa, e, por outro lado, embora os pescadores artesanais preconizem um comportamento equitativo com as espécies marinhas, em algumas ocasiões é possível observar a sobrepesca, como é o caso da pesca da lagosta.

Para finalizar, preliminarmente é possível inferir que, contrastando as duas modalidades de pesca, é notório que não se trata de uma oposição simples, do tipo que tudo que se possa encontrar numa modalidade, na outra se apresentará como oposto. De fato, processos técnicos diferentes engendram relações e interações específicas, mas, neste caso, é possível afirmar que há entre eles um crescente contágio. Atualmente ambas estão voltadas ao mercado (interno e externo) e que, por consequência, decisões econômicas mais amplas as afetam diretamente. Além disso, certas relações de solidariedade podem ser encontradas na pesca industrial, na qual antes se acreditava imperar a racionalização burocrática e a impessoalidade.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.M., MORAIS, A.L.S., GURGEL, T.A.B., OLIVEIRA, M.R., CHELLAPPA, S. Frequência de ocorrência e características morfológicas externos de peixes marinhos de Caiçara do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil. *Biota Amazônia*. v. 4, n. 2, p. 55-63, 2014.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo, Ática, 1983.

DUARTE, Fernando Dias. *As Redes do Suor: a Reprodução Social dos Pescadores da Produção do Pescado em Jurujuba, Rio de Janeiro*, EDUFF, 1999.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LIRA, Marcelo Gomes. *Pesca de atuns e afins no oceano atlântico: interações oceanográficas, implicações socioeconômicas e tecnológicas*. – Natal, 2016.

MALDONADO, Simone. *Pescadores do Mar*, São Paulo, Ática, 1986.

MAUSS, M. *As técnicas do corpo* In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MESQUITA, João Lara. *Pesca do Atum no Brasil. Saiba como acontece*. *Jornal Estadão*. 2 de out de 2017. Disponível em: <https://marsemfim.com.br/pesca-do-atum-no-brasil/> Acesso em: 18/08/2018.

OLIVEIRA, M. R.; CARVALHO, M. M.; SOUZA, A. L.; MOLINA, W. F.; YAMAMOTO, M.E.; CHELLAPPA, S. *Caracterização da produção do peixe-voador, *Hirundichthys affinis* em Caiçara do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil: durante 1993 a 2010*. *Biota Amazônia*, v. 3, n. 2, p. 23-32, 2013.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. *Estética marítima pesqueira: perfeição, resistência e humanização do mar*. *Ambiente e Sociedade (Campinas)*, 2010.

———. *O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais*. *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, 2011.

———. *Pescadores, Estado e Desenvolvimento Nacional: da Reserva Naval à Aquícola*. *Revista RURIS*. Vol. 8. N 01. 2014.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *Topar, arpoar: a relação com o pirarucu*. In: *O Arpão e o Anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucurijú, Amapá)* [Tese de doutorado]. DAN/UnB, 2007.

WEBER, Max. *Max Weber. Ensaios de sociologia*. Hans Gerth e Wright Mills (org.). Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1974.